



Contribuições da Análise Dialógica do Discurso para a pesquisa acadêmica

Contributions of Dialogical Analysis of Discourse to academic research

Contribuciones del Análisis Dialógico del Discurso para la investigación académica

Angela Maria Rubel Fanini

**Universidade Tecnológica Federal do Paraná/
Centro Universitário Campus Andrade, Uniandrade**

Resumo

Neste artigo apresentamos a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso- ADD, embasada na obra de Bakhtin e o Círculo, como um possível caminho para a elaboração de pesquisa acadêmica. Refletimos sobre o diálogo da ADD com a epistemologia racionalista e empirista do século XVII e também refletimos sobre sua inserção na tradição marxista. A ADD, por advogar a ontologia da linguagem, enquanto elemento fundante da pesquisa, distancia-se de uma investigação de matriz positivista, abrindo novos campos de trabalho para a pesquisa acadêmica interdisciplinar na área de Ciências Sociais e Humanidades.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso, Epistemologia, Bakhtin e o Círculo.

Abstract

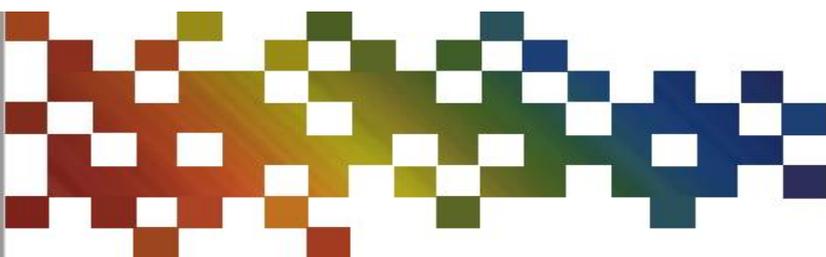
In this paper, it is introduced the background of Dialogical Analysis of Discourse, based on Bakhtin and The Circle, as a way of elaborating academic research. It is brought the dialogue between ADD and the rationalistic and empiricist view of seventeenth century and its intersection to dialogical philosophy. It is also presented the opposition of ADD to a positivistic perspective, which deals with a neutral and impersonal language. Add, focusing on language as ontology, is far from a positivist investigation, opening new fields for academic research in Human Sciences and Humanities.

Keywords: Dialogical Analysis of Discourse, Epistemology, Bakhtin and the Circle.

Resumen

El análisis se da a partir del ámbito del Análisis Dialógico del Discurso – ADD de Bakhtin y el Círculo, tratando de presentar maneras de enfrentar la investigación académica. El presente indica algunas reflexiones sobre el diálogo de ADD con la corriente filosófica racionalista y empiricista del siglo XVII. Presentamos la vinculación de ADD con la tradición marxista, rechazando las trampas del individualismo y del nominalismo, y también en oposición frontal al positivismo. Add, ubicando el presente en el centro de sus preocupaciones, presente dentro del campo de la investigación académica interdisciplinaria en las Ciencias Sociales y las Humanidades.

Palabras clave: Análisis Dialógico del Discurso, Epistemología, Bakhtin y el Círculo.



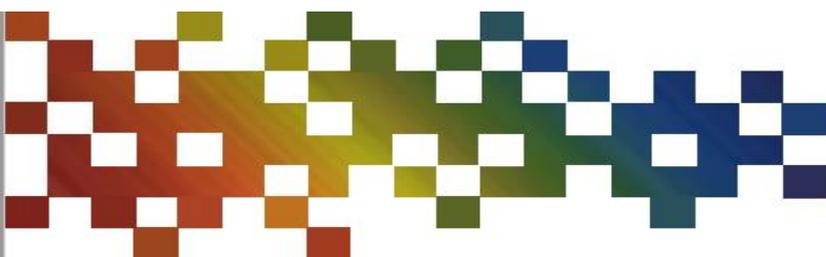
1 Introdução

As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, está a coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (BAKHTIN, 1997, p. 403).

A partir, sobretudo da década de 90, em diante, no Brasil, a questão do método em pesquisa foi se fortalecendo nos cursos de graduação e pós-graduação e as matrizes curriculares passaram a abrigar disciplinas de metodologia da pesquisa. As instituições de ensino oferecem, a partir do repositório de sua Biblioteca Geral, normas para a elaboração de trabalhos acadêmicos. Essa normatização, ora segue uma perspectiva de pesquisa científica dentro dos pressupostos das Ciências Exatas, reforçando-se a concepção do domínio do *corpus* a partir do método, da experimentação e, sobretudo, do emprego de linguagem técnica, ora se diversifica, abrigando um viés interdisciplinar, qualitativo, etnográfico e dialógico.

Objetivando contribuir para esse contexto diversificado de pesquisa, faremos uma reflexão a partir das ideias de Bakhtin e do Círculo, que se desenvolvem mediante um diálogo em contraponto bastante acentuado com a corrente investigativa em que impera um teor positivista, racionalista e empirista. Nosso intuito é trazer as obras do Círculo para esse debate, reforçando a inadequação dos ditames da objetividade, da exatidão, da acurácia dos resultados e da exigência de uma linguagem técnica e impessoal para certos tipos de investigação.

Nas áreas, mormente, de Educação, Letras e Comunicação, a Análise Dialógica do Discurso – ADD, tem sido empregada como método de análise. Este artigo visa contribuir com esse enfoque. A terminologia ADD tem sido vinculada à produção do Círculo russo. O Círculo se insere na tradição marxista que se distancia da epistemologia positivista cujas bases remontam, em boa parte, ao racionalismo e o empirismo do século XVII. A inserção na epistemologia marxista reforça, sobretudo, o uso do método dialético histórico em que as relações sociais são consideradas históricas e passíveis de modificação. Essas relações, ora são determinadas pela infraestrutura econômica, ou seja, pelo primado do *homo faber* (o trabalhador em luta contra o capital) ora pela superestrutura (cultura e linguagem), pelo protagonismo do *homo symbolicus*, comprovando-se a agência dos sujeitos sociais sob condições objetivas determinantes. Nesse viés, a pesquisa não visa somente descrever e interpretar, mas agir sobre o mundo (teoria-práxis). Nas palavras de Marx e Engels, na XI tese (2002), temos: “Até o momento, os filósofos apenas interpretaram o mundo; o fundamental agora é transformá-lo.” (p.47). Nessa tradição se destacam as contradições



sociais, sobretudo, o embate de classes sociais, focalizando as lutas operárias contra o capital. Entretanto, a questão da linguagem (esfera superestrutural) como campo dessa luta tem sido pouco estudada. O Círculo traz, em boa parte, a proposta de uma filosofia da linguagem materialista dialética, visando suprir essa deficiência¹. No campo marxista predomina o estudo das relações contraditórias entre trabalho e capital, em que prevalece a ontologia do trabalho e não a da linguagem.

O foco dos estudos do Círculo é a discussão da centralidade da linguagem e como esta institui o conhecimento a partir de uma dimensão dialógica em que não se alcança um domínio pleno do objeto pesquisado, mas sim, uma visão parcial, pessoal, ideológica e não neutra do mesmo. O Círculo mantém um diálogo intenso com a epistemologia positivista, demarcando outra maneira de se chegar ao saber, mormente, questionando a linguagem. Objetivando aclarar esse contraponto, deter-nos-emos em passagens das obras do Círculo em que a discussão com a corrente positivista predomina.

Para entender melhor esse diálogo de longa duração com o racionalismo e o empirismo, detivemo-nos na leitura dos livros *Novum Organum* (1620)² e *Discurso do Método* (1637), obras paradigmáticas da Modernidade cujas diretrizes epistemológicas ainda determinam, em boa medida, os caminhos da pesquisa em Ciências Exatas, como também direcionam pesquisas nas áreas das Ciências Humanas de viés positivista. Como mencionamos, o Círculo debate com essa tradição, aclarando seus pressupostos. Nesse cenário, a ADD surge como ferramenta para a pesquisa, contrapondo-se à visão de linguagem técnica advinda da tradição cartesiana e empirista, atualizada pelo positivismo.

2 Contextualização das obras de Descartes e Bacon

As duas obras mencionadas são paradigmáticas, respondendo a um novo contexto histórico-econômico marcado por conquistas técnicas e tecnológicas que passam a instrumentalizar os homens em relação ao controle da natureza. Mediante o uso de um pensamento cada vez mais racional, matemático, calculístico e vinculado às coisas, o homem vai se apoderando das forças da natureza em prol de sua sobrevivência material. A ciência passa a se submeter à técnica e à tecnologia no intuito de fornecer explicações racionais sobre os fenômenos naturais, interferindo na vida dos homens que produzem sua existência material. O homem, munido de uma racionalidade e um

¹ Voloshinov (1986) explicita a aderência de seu pensamento ao Marxismo, acentuando a lacuna que naquele momento havia em relação ao estudo da linguagem como *locus* de disputa intra e interclasses. A discussão sobre a linguagem e sua relação com o conhecimento também é problematizada por grandes pensadores como Vygostky, Heidegger, Foucault, Pêcheux e Paulo Freyre, cujas contribuições são valiosas no campo epistemológico e apresentam relevada importância. Entretanto, as contribuições do Círculo ainda têm contribuído de forma positiva nesse cenário de pesquisa em que a ontologia da linguagem se faz presente.

² As citações dessa obra são provenientes desta edição em que não constam os números de página. <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/norganum.html>.



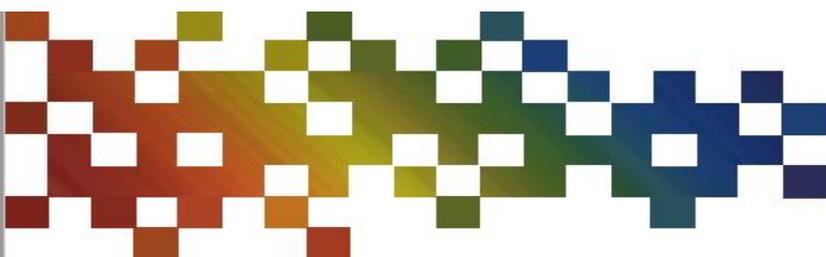
método preciso, almeja dominar o entorno e a si mesmo no sentido de tudo poder explicar a partir de sua medida terrena, desvinculando-se de explicações sagradas e transcendentais. É uma época marcada pelo humanismo, materialismo e empirismo, levando a uma dessacralização do mundo³. Há uma crença em um sujeito de saber cuja mente racional desvenda o mundo, utilizando-se de uma linguagem técnica entendida como um sistema de signos lógico-formais capazes de dizer a realidade com acurácia, precisão e em sua completude, como se a linguagem fosse um código de sinais. Busca-se a neutralidade e impessoalidade.

Nessas obras, encontramos um minucioso detalhamento do método que pode instrumentalizar o pesquisador. Descartes e Bacon se inserem em um novo paradigma, pois se contrapõem a dogmas existentes, sobretudo da igreja cuja visão de saber se impunha. A contraposição a essa visão de explicação teológica do mundo, poderia custar a vida do cientista mediante os tribunais de inquisição.

Os dois pensadores, imbuídos já de uma perspectiva iluminista do saber, mencionam o intuito prático de beneficiar a humanidade mediante suas investigações, salientando a importância de um saber útil. Os autores se inserem em uma dimensão antropocêntrica do saber, enfatizando que qualquer ser humano é igualmente dotado de racionalidade e capacidade de observação arguta do real, podendo se libertar das peias do dogmatismo. Bacon defende o empirismo da observação e experimentação, reguladas pelo raciocínio lógico, e Descartes, o uso do método matemático e racional, dissipador das ilusões dos sentidos. Ambos se dedicaram a criar novos métodos e caminhos de investigação da natureza no sentido de valorizar a razão e a experimentação como caminhos pela busca da verdade sobre as coisas e o homem. Citaremos passagens ilustrativas dessas obras a fim de observar que o método e a visão de ciência, vinculados ao racionalismo e ao empirismo, distanciam-se, em boa parte, de uma abordagem em ADD, em função dos propósitos díspares desses mirantes de investigação. Bakhtin e o Círculo, como mencionamos, conversam com essa tradição, demarcando outra dimensão para o conhecimento.

3 *Novum Organum*: uma nova configuração para o saber

³ As explicações materialistas, históricas e empiristas vão imperando no campo epistemológico e as explicações da ordem do transcendente vão sendo desqualificadas. Isso ocorre sobretudo a partir do século XVII em diante que já prepara as alterações tecnológicas do mundo ocidental que estão por vir. Com o advento da Revolução Industrial, a ciência se viabiliza, cada vez mais, como tecnologia aplicada e com o objetivo de estudar, interferir e modificar a natureza. Nessa nova dimensão, a razão e o empirismo contribuem para a pesquisa científica com fins materialistas de dominar a natureza. É nessa perspectiva que muitos autores vão enfatizar a dessacralização do mundo, vendo na razão, o instrumento de libertação de um pensamento vinculado a explicações de ordem transcendente. Desse modo, a secularização do mundo, via razão, traz a dessacralização da vida, já amplamente discutida quando da passagem da Idade Média para a Idade Moderna. A esse respeito consultar ROUANET, 1992.



Bacon escreve a obra *Novum Organum*, expondo seu intuito principal que consiste em se contrapor à tradição escolástica e dogmática dominante. Objetiva também se afastar da tradição do pensamento aristotélico, criticando-a por não trazer resultados práticos para vida. Vinculado à sua época, em que a ciência se afasta de uma posição especulativa e adere a uma postura pragmática, convertendo-se em tecnologia, pretende, com seus escritos, demonstrar caminhos possíveis de se chegar à verdade das coisas, assegurando o controle da natureza, enfatizando que o “saber é poder”. Para tanto, o saber científico será alcançado mediante a eliminação de uma série de preconceitos denominados ídolos que obstaculizam a emergência de um saber útil e reto. Deter-nos-emos em algumas passagens da obra para verificar a divergência em relação à perspectiva dialógica do conhecimento. Para Bacon, temos:

Os *ídolos da tribo* que estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana. É falsa a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas. Muito ao contrário, todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o universo. O intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe.

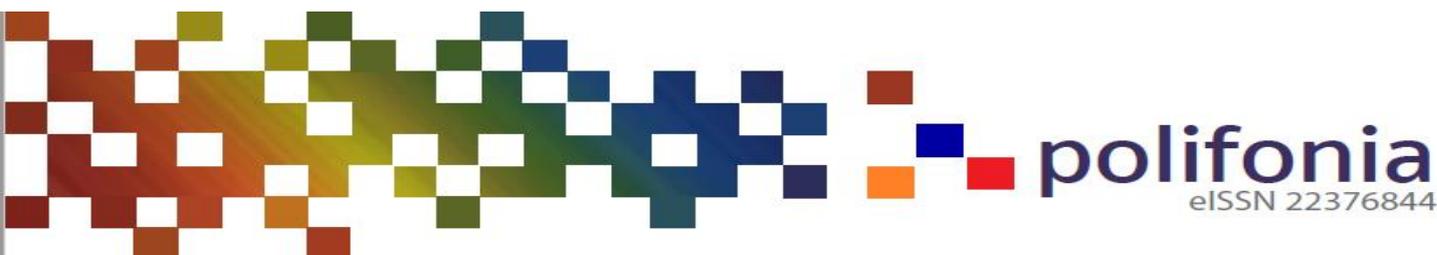
(...)

Tais são os ídolos a que chamamos de ídolos da tribo, que têm origem na uniformidade da substância espiritual do homem, ou nos seus preconceitos, ou bem nas suas limitações, ou na sua contínua instabilidade; ou ainda na interferência dos sentimentos ou na incompetência dos sentidos ou no modo de receber impressões.

No excerto, Bacon desaprova a medida humana, para se alcançar o conhecimento, pois a percebe como falha, submetida ao sensorial e aos preconceitos, e, portanto, inexata. Bacon critica as bases do racionalismo à medida que entende o próprio intelecto humano como fator de distorção da realidade. A sua epistemologia se funda na medida do método científico e rigoroso que deve orientar a experiência, guiando o pesquisador para que este verifique com acurácia e objetividade os dados. Respondendo a essa tradição e a ela se contrapondo, a perspectiva da ADD afasta-se da primazia do método e dos dados objetivos sobre o sujeito e se orienta por uma ontológica intersubjetiva, constituída nas relações sócio-históricas empreendidas pelos homens em processo de encontro e desencontro de opiniões e ações em seu cotidiano. O conhecimento não está apartado das condições concretas da existência. Pelo contrário, parte desse *locus*. Vê-se em Voloshinov (1986): “Os sistemas constituídos da moral social, da ciência, da arte (...) cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, (...) uma forte influência”. (p.119).

Na sequência da argumentação, Bacon apresenta os “*ídolos da caverna*,” que se constituem desse modo:

Os ídolos da caverna são os homens enquanto indivíduos. Pois, cada um — além das aberrações próprias da natureza humana em geral — tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza: seja devido



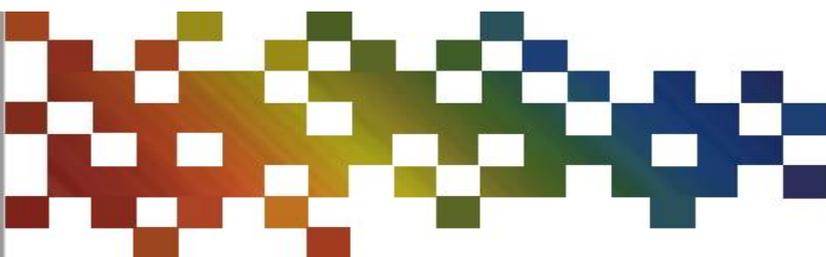
à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões, segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranquilo; de tal forma que o espírito humano — tal como se acha disposto em cada um — é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações, e até certo ponto sujeita ao acaso. Por isso, bem proclamou Heráclito que os homens buscam em seus pequenos mundos e não no grande ou universal.

Os ídolos da caverna são os sujeitos que perturbam o conhecimento, pois o relativizam a partir de seus preconceitos pessoais. Essa constatação aposta em um saber generalista, impessoal, e, hodiernamente, ainda advogado, inclusive, em alguns setores no campo das Ciências Humanas que aderem à pesquisa positivista. Contrapõe-se à perspectiva dialógica em que o sujeito da pesquisa não se neutraliza em suas particularidades, mas as leva para o interior da investigação. Esse sujeito da pesquisa é dado em meio a outros sujeitos, em dialogia com os demais a quem responde. O objeto da pesquisa é construído na intersubjetividade e no meio sócio-histórico. Em Voloshinov (1986), vê-se:

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas (...) do grupo. (...) Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social. (p. 45).

Já os *ídolos do teatro* consistem em certa tradição epistemológica com a qual Bacon se confronta. Para o pensador, são os mais perigosos, pois consistem em dogmas que impedem o avanço do saber. Em sua época, os livros sagrados eram considerados a fonte de quase todo o conhecimento e submetiam o saber científico ao seu domínio. Vejamos:

Há, por *fim*, ídolos que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e também pelas regras viciosas da demonstração. São os *ídolos do teatro*: por parecer que as filosofias adotadas ou inventadas são outras tantas fábulas, produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais. Não nos referimos apenas às que ora existem ou às filosofias e seitas dos antigos. Inúmeras fábulas do mesmo teor se podem reunir e compor, porque as causas dos erros mais diversos são quase sempre as mesmas. Ademais, não pensamos apenas nos sistemas filosóficos, na universalidade, mas também nos numerosos princípios e axiomas das ciências que entraram em vigor, mercê da tradição, da credulidade e da negligência. Contudo, falaremos de forma mais ampla e precisa de cada gênero de ídolo, para que o intelecto humano esteja acutelado.



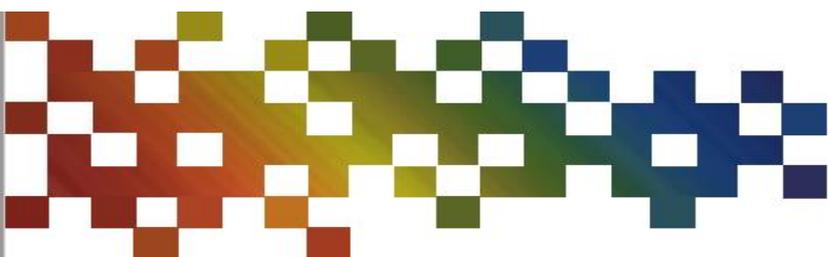
Para a ADD, a enunciação é sempre uma resposta a outra, quer seja em cronotopo contemporâneo quer seja em situação histórica de longa duração. Em nosso posicionamento, endereçamo-nos tanto para nossos contemporâneos quanto mobilizamos noções, conceitos e vozes de uma temporalidade e espacialidade muito anteriores ao nosso momento histórico. Desse modo, a emissão discursiva se adensa em meio a essas vozes que nos chegam por inúmeros caminhos, quer seja o da conversação empírica, quer seja por outros meios como livros, por exemplo, que nos trazem documentos de outras épocas. Nessa perspectiva, não se apregoa uma etapa linear e evolutiva do conhecimento que supere o que foi gerado anteriormente. Pelo contrário, saberes anteriores e esquecidos podem ser novamente revisitados, dependendo das condições objetivas e subjetivas do presente. Em Bakhtin (1997), temos: “Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável(...) de sentidos esquecidos. (...). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento” (p. 414). Para o Círculo, o novo é sempre uma resposta ao que já existe e nesse endereçamento, constitui-se pelo limite, pela fronteira, pelo limiar entre o que existe e o que se renova. O saber não se produz enquanto um avanço, galgando sempre posições inovadoras e que superam as anteriores totalmente. Não há o absolutamente novo em termos de saber humano:

O sentido não se atualiza sozinho, procede de dois sentidos que se encontram e entram em contato. Não há um ‘sentido em si’. (...) Por isso não pode haver um sentido primeiro ou último, pois o sentido se situa entre os sentidos, elo na cadeia do sentido que é a única suscetível, em seu todo, de ser uma realidade.” (BAKHTIN, 1997, p. 386)

Por último, interessam-nos, sobretudo, os *ídolos do foro*, que tratam da linguagem. Para Bacon, a linguagem deve ser clara, objetiva e precisa. O novo contexto tecnológico a que responde a obra do pensador exige uma alteração do registro das experiências e achados científicos. A linguagem deve ser referencial e transparente, constituindo-se como código técnico, capaz de comunicar objetivamente o que foi pesquisado. Temos:

Há também os ídolos provenientes, de certa forma, do intercurso e da associação recíproca dos indivíduos do gênero humano entre *si*, a que chamamos de *ídolos do foro* devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.

O excerto destaca claramente a preocupação com o registro discursivo adequado para a constituição de um saber generalista e universal. A linguagem técnica e



impessoal, exigida nas pesquisas acadêmicas de cunho positivista, vincula-se a essa tradição.

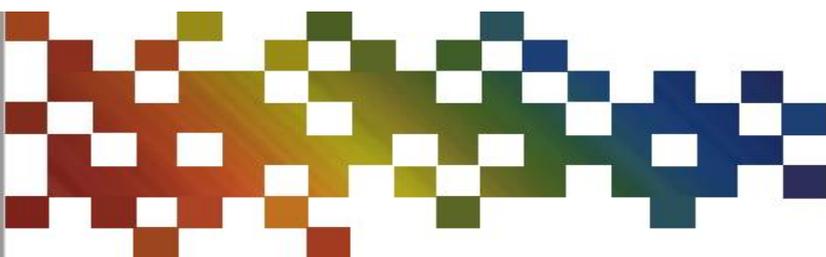
Citamos mais um trecho substantivamente ilustrativo da visão de Bacon sobre a linguagem. Para o filósofo, as definições das coisas são inexatas, pois as palavras apresentam graus variados de distorção e erro em decorrência de seu uso:

Os ídolos do foro são de todos os mais perturbadores: insinuam-se no intelecto graças ao pacto de palavras e de nomes. Os homens, com efeito, creem que a sua razão governa as palavras. Mas sucede também que as palavras volvem e refletem suas forças sobre o intelecto, o que torna a filosofia e as ciências sofisticadas e inativas. As palavras, tomando quase sempre o sentido que lhes inculca o vulgo seguem a linha de divisão das coisas que são mais potentes ao intelecto vulgar. Contudo, quando o intelecto mais agudo e a observação mais diligente querem transferir essas linhas para que coincidam mais adequadamente com a natureza, as palavras se opõem. Daí suceder que as magnas e solenes disputas entre os homens doutos, com frequência, acabem em controvérsias em torno de palavras e nomes, caso em que melhor seria (conforme o uso e a sabedoria dos matemáticos) restaurar a ordem, começando pelas definições. E mesmo as definições não podem remediar totalmente esse mal, tratando-se de coisas naturais e materiais, posto que as próprias definições constam de palavras e as palavras engendram palavras. Donde ser necessário o recurso aos fatos particulares e às suas próprias ordens e séries, como depois vamos enunciar, quando se expuser o método e o modo de constituição das noções e dos axiomas.

Bacon, respondendo ao contexto tecnológico crescente de sua época, já mencionado, que exigia um saber aplicado via técnica e tecnologia, vai constituindo a sua visão de saber dentro de novos paradigmas. A linguagem técnica, objetiva, impessoal e neutra deve ser cultivada. Longe estamos da perspectiva inerente à ADD sobre a linguagem entendida como discurso que circula entre os homens e manifesta suas ideologias. A palavra não reduplica a realidade de modo igual para todos os falantes de uma comunidade. A palavra se constitui nas relações sociais, adquirindo significados diversos de acordo com o objetivo da enunciação: “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (VOLOSHINOV, 1986, p. 106). A estabilização do significado do signo verbal, descontextualizando-o, visa ao processo de dicionarização da palavra. O Círculo se opõe a essa visão de petrificação do significado, pois reforça a polissemia advinda da interação social entre falantes reais cujas posições axiológicas diversas se manifestam na palavra proferida.

4 *Discurso do método*: a transcendência da razão

Na obra de Descartes, temos a aposta na racionalidade humana como uma dimensão universal e inerente ao ser humano, que dela munido, terá acesso à verdade, afastando-se do dogmatismo e da escolástica imperantes em sua época. Apresenta como fundamento o pensar racional que antecede o existir. O filósofo nos insta a procurar em nós mesmos a dimensão racional para empreender uma leitura correta e verdadeira do



mundo. O mirante racionalista indicou, naquele momento, um caminho de libertação das amarras do dogmatismo. Descartes escreve em francês e não em latim, como era exigido na época, objetivando alcançar um número maior de leitores. O filósofo destaca a necessidade do exercício da dúvida sistemática como método para atingir a verdade, antecipando o que iria se iniciar com o Iluminismo, no século XVIII, pautado por novos paradigmas do saber, questionando a escolástica medieval. Citamos os princípios gerais do caminho a seguir para se atingir a verdade, descritos na obra:

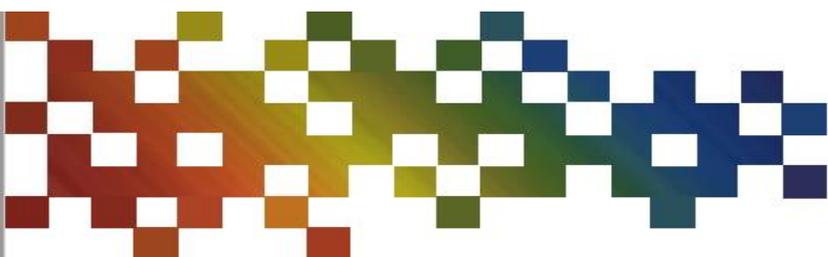
O primeiro era o de nunca aceitar algo como verdadeiro que eu não conhecesse claramente como tal; ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção, e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele. O segundo, o de repartir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las. O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me, pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o último, o de efetuarem toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir. (DESCARTES, 2006, p.54)

Percebemos que o arcabouço teórico dialógico se opõe à tradição racionalista. Os vocábulos “claramente”; “distintamente”; “necessárias”; “certeza” indicam uma visão de investigação determinada pela concepção de acurácia, o que se distancia da dimensão dialógica em que não é possível se alcançar a verdade plena sobre os fatos, inclusive por conta da linguagem que se constitui não como um código técnico que diz as coisas tais quais são, mas as nomeia a partir de campos axiológicos específicos.

Na passagem seguinte, destacamos a máxima a partir da qual o filósofo racionalista é sobejamente conhecido. Enfatiza-se a realidade do pensar e do primado da *res cogitans* sobre a *res extensa*. A razão, inata ao ser humano, antecede a existência histórica e particularizada:

Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o primeiro princípio da filosofia que eu procurava.

Mais tarde, ao analisar com atenção o que eu era, e vendo que podia presumir que não possuía corpo algum e que não havia mundo algum, ou lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, resultava com bastante evidência e certeza que eu existia; ao passo que, se somente tivesse parado de pensar, apesar de que tudo o mais que alguma vez imaginara fosse verdadeiro, já não teria razão alguma de acreditar que eu tivesse existido; compreendi, então, que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material. De maneira que



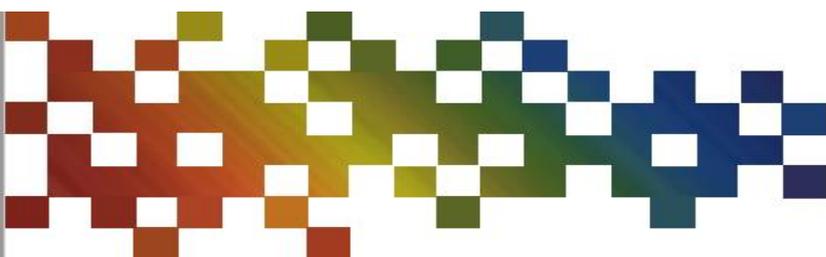
esse eu, ou seja, a alma, por causa da qual sou o que sou, é completamente distinta do corpo e, também, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, mesmo que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é. (DESCARTES, 2006, p.70-71)

Assim como Bacon, Descartes também se encontra em um contexto cuja produção científica se vincula a uma nova economia que exige da ciência que se transforme cada vez mais em tecnologia. A sua obra encontra respostas para essa demanda, construindo um saber pautado no cálculo, na mensuração, na matemática. O saber deve servir para o conhecimento e o controle da natureza, assim como em Bacon. O saber advém de uma razão transcendente e o método de investigação deve assegurar o domínio sobre os fatos e situações, manifestando-os com clareza e objetividade, a partir sobretudo do emprego do substrato matemático para alcançar a verdade. Percebemos, no excerto citado, que os pressupostos racionalistas do conhecimento são opostos ao caminho a ser tomado mediante a perspectiva dialógica de pesquisa em que o saber ocorre no âmbito intersubjetivo e público na disputa de posições ideológicas entre culturas, tempos e sujeitos em suas relações concretas e materiais de existência.

Para a ADD, o conhecimento é situado historicamente e leva as marcas pessoais, interindividuais do pesquisador e do local de onde fala e professa suas teses. Em relação à primazia da observação e experimentação sobre o objeto, mediante uma linguagem técnica, impessoal e objetiva, que assegure o alcance da verdade, em perspectiva baconiana e, em relação ao saber advindo de uma razão transcendente ao contexto histórico e imanente ao homem, na visão cartesiana, o campo dialógico oferece uma resposta diversa. A ADD não prescinde de um método e de uma análise rigorosa e argumentada sobre o *corpus*, mas essa análise traz em si, inerentemente, as marcas históricas e concretas de seu tempo e de seu autor. Finalizando nossa incursão no pensamento cartesiano, trazemos um último trecho em que o pensador destaca a verdade da razão, universal e imutável, transcendente ao empírico: “Pois, enfim, quer estejamos despertos, quer dormindo, jamais devemos nos deixar convencer exceto pela evidência de nossa razão. E deve-se observar que eu digo de nossa razão, de maneira alguma de nossa imaginação ou de nossos sentidos.” (DESCARTES, 2006, p.77).

Voloshinov (1986), ao apresentar a sua concepção de linguagem, responde a vários autores, aproximando-se de alguns e distanciando-se de outros, construindo seu patamar investigativo em diálogo com seus contemporâneos e com a episteme ocidental. Nesse diálogo, conversa sobremodo com Ferdinand de Saussure, cujas ideias insere em uma corrente de pensamento a que denomina “objetivismo abstrato”, cujas bases remontam à tradição empirista e racionalista do século XVII: “Não resta qualquer dúvida de que um elo interno une em profundidade a segunda orientação ao pensamento cartesiano e à visão geral do mundo do neoclassicismo com seu culto da forma fixa, racional e imutável”(p. 83).

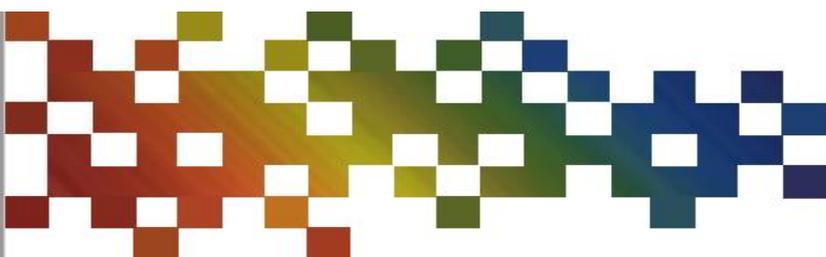
Segundo Voloshinov, a linguagem para Saussure, é um sistema de signos que remetem uns aos outros, auferindo-se o significado dos mesmos a partir dessa situação relacional interna. Os usuários desse sistema e o contexto social do enunciado são, em



uma situação sincrônica, pouco relevantes no sentido de alterar o significado advindo de relações sistêmicas prévias ao falante. A perspectiva de uma linguagem apartada das disputas ideológicas se aproxima de um ideal de linguagem em chave empirista e racionalista, instituindo-se em linguagem técnica, bastante requisitada pela bibliografia norteadora de trabalhos acadêmicos de viés positivista. Segundo Voloshinov, 1986, a orientação do objetivismo abstrato destaca o caráter de sobre-determinação sistêmica da língua: “A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta” (p.82). O pensador russo se distancia desses parâmetros, sobretudo o da referencialidade em que as palavras funcionam como mera etiqueta para as coisas: “A ficção da palavra como decalque da realidade ajuda ainda mais a congelar sua significação” (p. 107). Voloshinov entende a linguagem como fenômeno ideológico, afastando-se do racionalismo em que a palavra é entendida como se fosse um símbolo matemático decodificado por todos de um mesmo modo. Acreditamos ter sido importante trazer para a discussão o contexto racional e empirista pertinentes ao século XVII visto que a ADD se aclara, em boa parte, no confronto com essa tradição. Contemporaneamente ao Círculo, o positivismo é herdeiro dessa epistemologia setecentista moderna.

5 Definição/Apresentação/Seleção/Escolha do objeto/Delimitação do *corpus*

As pesquisas acadêmicas seguem de modo geral um roteiro e um ordenamento em que as seções obedecem a uma lógica sequencial que se inicia com a seção Introdução e finaliza com as Referências. Passaremos a discutir essas seções a partir de contribuições da ADD. Na apresentação do objeto e sua delimitação, a linguagem do pesquisador também institui o objeto, afastando-se de um empirismo ou materialismo dogmático que aposta na primazia do objeto a ser nomeado por uma linguagem técnica precisa. Em Bakhtin (1997), encontramos: “O nome das coisas é também um apelido. Não da coisa à palavra, mas da palavra à coisa, a palavra dá origem à coisa” (p.395) Procura-se, antes, mostrá-lo a partir de vários mirantes, uma vez o objeto já se encontra falado e comentado por pesquisadores anteriores e que disputam um discurso sobre o objeto. Vemos em Bakhtin (1997): “Compreender é cotejar com outros textos e pensar num novo contexto (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). (...) Etapas da progressão dialógica da compreensão, o ponto de partida – o texto para trás- para os contextos passados- a presunção (e o início) do contexto futuro” (p.404). Na concepção dialógica, o pesquisador faz parte da construção do objeto e este não pode ser dado totalmente objetivado, sem estar, em parte, determinado pelo pesquisador. Todavia, essa determinação não neutraliza o objeto. O exercício de exotopia faz com que o pesquisador perceba que não coincide com o objeto, “O objeto, no espaço e no tempo, situa-se à minha frente, sendo isso que instaura o princípio do meu horizonte” (p. 112). A exotopia é elemento fundante da perspectiva bakhtiniana, pois implica a alteridade, o distanciamento temporal, espacial, existencial, assegurando



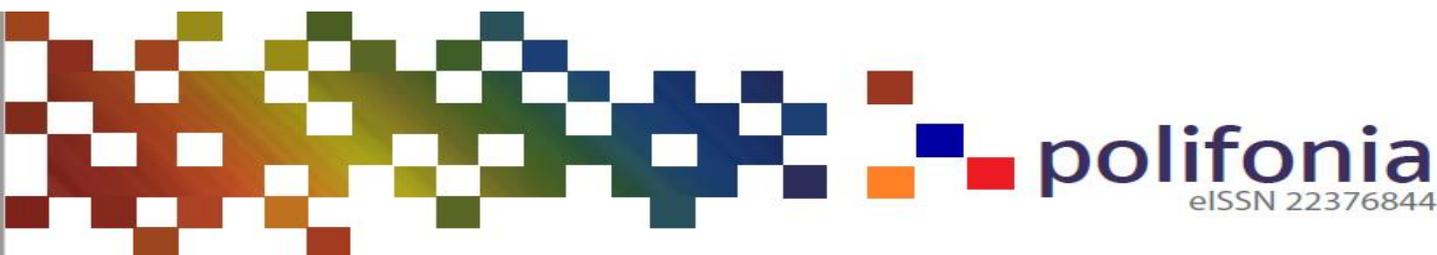
uma visão contrária à reificação do objeto, que o percebe como redutível à representação objetiva. O objeto apresenta resistência, pois, nas Ciências Humanas, trata-se, geralmente, de objetos vivos. Encontramos em Bakhtin (1997): “Exatidão e profundidade nas ciências humanas. O limite da exatidão nas ciências naturais é a identidade ($a=a$). Nas ciências humanas, a exatidão consiste em superar a alteridade do que é alheio sem o transformar em algo que é pessoal” (p. 412). O pesquisador, o objeto, os discursos e as pesquisas sobre o objeto entram em dialogia. Outra ação importante para se levar a cabo uma pesquisa dialógica é o da perspectiva de transcendência de nós mesmos, ou seja, colocarmo-nos, na medida do possível, no lugar do outro, saindo de nós mesmos no sentido de deixar esse outro se revelar. O objeto, em suas condições cronotópicas, manifesta-se diverso de nós pesquisadores, mas por nós é também revelado. É nessa disputa dialógica que ocorre a “introdução” ou “apresentação” do objeto, resultado de um confronto entre o sujeito pesquisador, o objeto pesquisado e o que já se disse sobre ele. Bakhtin (1997) alerta para a impossibilidade de apresentar o objeto tal qual é, afastando-se de uma concepção puramente empirista em que há a primazia do objeto:

O dado e o criado no enunciado verbal. O enunciado nunca é o simples reflexo ou expressão de algo que lhe preexistisse, fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo que, antes dele, nunca existira, algo novo e irreproduzível, algo que está relacionado ao valor (...). Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa dada. O dado se transfigura em criado (p. 348).

Quanto à delimitação do *corpus*, também segue esta lógica, pois qualquer recorte do objeto manifesta o que o pesquisador e o seu contexto social conseguem enxergar do objeto. O recorte indica claramente que a totalidade do objeto não é atingida facilmente. Não há uma delimitação que abarque todo o objeto, pois a parte não é o todo. Ao delimitar o *corpus* já se está fazendo análise do *corpus*, pois o manifestamos de um certo modo. Em processo de dialogia, tanto o pesquisador quanto o objeto se encontram na pesquisa e se constroem mutuamente nesse encontro. Nesse sentido, o pesquisador, constituído e limitado pelos seus filtros teóricos e axiológicos, manifesta o objeto de um certo prisma, mas o objeto também resiste a essa determinação exotópica. O empirismo e o racionalismo exigem uma linguagem técnica, objetiva e referencial, fora do contexto de disputa ideológica e histórica que são pressupostos da ADD.

6 Revisão de literatura e caráter inédito

A seção de revisão visa informar sobre os outros vieses acerca do objeto, diversos ou afins à posição do pesquisador. Nas palavras de Bakhtin (1997), “Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia” (p.375). Nessa seção, muito se discute sobre o caráter de ineditismo da pesquisa. Como alcançá-lo? É possível o ineditismo? Para a ADD, não há duas pesquisas iguais, ou seja, não há repetição *ipsis*



litteris do evento. A pesquisa sempre será inédita, sendo irrepetível. Embora seja uma produção coletiva de caráter intersubjetivo, apresenta marcas subjetivas uma vez que a biografia e o estilo de cada pesquisador não são neutralizados, mas se fortalecem no confronto com os outros investigadores. Para Bakhtin (1997):

A existência se instaura, de uma vez por todas, entre mim, que sou único, e todos aqueles que são os outros para mim. (...) O sentido do acontecimento em processo de realização só pode aclarar-se a partir do lugar que sou o único a ocupar, e quanto mais forte for a tensão que me implanta nele, maior, sempre maior será a clareza. (p. 143)

Nesse passo, questiona-se outro postulado pertinente ao modelo próprio das Ciências Exatas em que o saber deve ser reproduzível se realizado dentro das mesmas condições objetivas. Nas Ciências Humanas, podemos ter o mesmo *corpus*, dado em condições semelhantes, mas os resultados podem variar visto que o viés do pesquisador determina os resultados, manifestando a sua posição política, ética e existencial. Mesmo que haja a mesma seleção do *corpus*, não se persegue a reprodutibilidade e universalidade dos resultados. Essa busca é própria e adequada às Ciências Exatas. Todavia, a marca pessoal do pesquisador se constrói dialogicamente, pois o sujeito da pesquisa se utiliza de gêneros discursivos, partilhados socialmente. Nesse quesito, Bakhtin (1997) assevera:

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. (p. 302)

Desse modo, a exigência da reprodutibilidade da pesquisa, fundamento das Ciências Exatas, não se aplica em uma perspectiva dialógica da investigação visto que a linguagem que manifesta a pesquisa não é técnica e traz as marcas da autoria. Esta, no entanto, ocorre em dialogia com as outras pesquisas revisitadas. Tal qual o romance, definido por Bakhtin enquanto discurso indireto, a pesquisa é também uma construção discursiva indireta, pois o pesquisador conversa com outras vozes e sobre essas vozes, delineando o próprio de sua fala nesse limiar.

7 A questão da autoria

A autoria é uma das questões mais espinhosas para a ADD. Se toda linguagem é essencialmente dialógica, sendo sempre uma resposta e uma réplica a outrem, então não há uma realidade exclusivamente subjetiva para a linguagem. Ela é sempre intersubjetiva. Poderíamos colocar aspas em todas as enunciações que pronunciamos ou escrevemos. A linguagem é um bem coletivo. Entretanto, com o advento da sociedade moderna, baseada na produção de bens e serviços, mediados mormente pelo mercado, os produtos culturais são comercializados e se exigem definições de autoria. Há



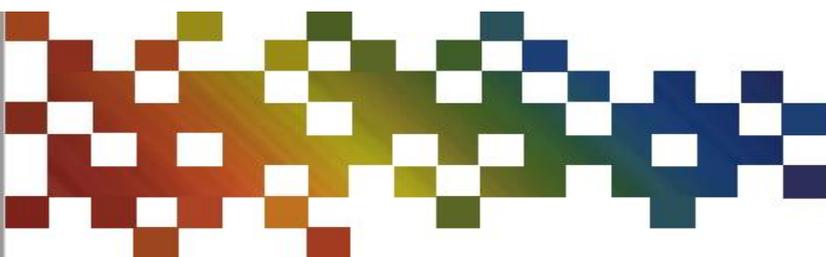
legislação para assegurar a autoria desses bens e as patentes a eles vinculadas. Nesse contexto, o plágio é criminalizado. Para o princípio dialógico, a produção individual de um texto, por exemplo, é uma contradição de princípio, pois as enunciações não partem exclusivamente do sujeito isolado e, sim, são respostas a outras. O enunciado se apoia entre um polo e outro, contendo, no mínimo duas vozes. Não poderia existir de modo isolado. Como é possível aprisionar as palavras, apoderando-se do discurso como uma propriedade particular? Nas palavras de Bakhtin, destaca-se essa zona limítrofe quanto à propriedade do discurso que pertence a, pelo mínimo, dois sujeitos. A visão dialógica não é dicotômica, mas se funda na fronteira, nos limites, no limiar, no dual:

A palavra (e em geral o signo) é interindividual. Tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da 'alma', fora do locutor, não lhe pertence exclusivamente. (...) O autor (o locutor) tem seus direitos imprescindíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra tem seus direitos (BAKHTIN, 1997, p. 350).

Entretanto, um texto anônimo não é aceito pela comunidade acadêmica. Nessa perspectiva autoral, é impossível nos abstermos de conferir uma autoria à pesquisa. Teremos que lhe atribuir uma autoria, mas consciente de que nossa enunciação não existiria se não fossem nossas referências e as falas que nos povoam e das quais nem sabemos ao certo quais sejam, sua origem e genealogia. Para sanar, em parte essa questão, é necessário discutir a questão da irreducibilidade do sujeito frente ao outro, já mencionado neste capítulo, entendendo o sujeito enquanto realidade interindividual. Na perspectiva da ADD somos quem somos por oposição ao outro, vinculando-se a subjetividade à alteridade: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor” (VOLOSHINOV, 1986, p. 113). Nesse encontro e desencontro com o outro, aclaramos nossa particularidade. Há uma organização do texto e da enunciação e da pesquisa e essa nos cabe, em parte, revelando um *quantum* específico que seria inclusive irrepetível como experiência a outro pesquisador.

Partindo do prisma da ADD, o autor-pesquisador não remete ao sujeito cartesiano, munido de uma racionalidade atemporal a partir da qual chega à verdade sobre os fatos; também não se aproxima do autor-pesquisador cujo papel é somente o de mediador de um saber que advém dos equipamentos, da experiência controlada, do método e do objeto; também não se funda, em certo viés liberal-burguês em que prepondera o poder subjetivo e particularizado sobre os fatos. O autor-pesquisador se constrói a partir da interação com o objeto e com as outras pesquisas sobre o objeto, manifestando-se sua realidade intersubjetiva.

A posição defendida pelo pesquisador é irrepetível, excluindo outras análises sobre o objeto. No entanto, essa posição se aclara e se fortalece no confronto do pesquisador com as outras vozes que traz para o interior do texto e também mediante a checagem pública da pesquisa (seminários, congressos, palestras, aulas) quando outros



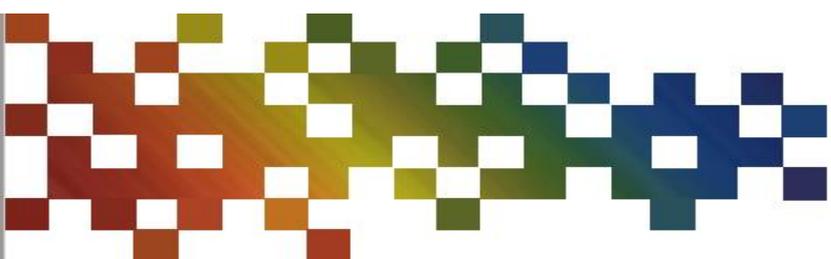
olhares vão questionar a verdade a que chegou o pesquisador. Mas mesmo que haja uma posição monológica, a pesquisa se constitui na dialogia, visto que ocorre em disputa com outras investigações. Nas palavras de Bakhtin (1997): “Mesmo entre produções verbais profundamente monológicas, observa-se sempre uma relação dialógica” (p. 355).

Outra questão espinhosa é a coautoria. Pela perspectiva bakhtiniana, a linguagem é dialógica, ou seja, nunca é de autoria exclusiva do sujeito, entretanto, isso não oblitera o sujeito. A linguagem traz as marcas pessoais do sujeito. Entretanto, essas marcas não podem ser verificadas com acurácia visto se tratar sempre de um limiar que ora desvela o sujeito, ora seu interlocutor. As posições axiológicas dos sujeitos devem ser semelhantes para que possam assinar um artigo em conjunto. Mas e a linguagem? É a mesma para os dois pesquisadores? Muito provavelmente a resposta é não. Por exemplo, poderiam Saussure e Bakhtin escrever um ensaio juntos sobre a língua? Com certeza, não. Mas, ao mesmo tempo, a enunciação de Bakhtin e do Círculo, só existem também como resposta a Saussure. A dialogia se estabelece, mas os pensadores, por apresentam visões diferenciadas sobre a linguagem, não poderiam escrever em coautoria um ensaio. Daí decorre que nem toda publicação conjunta é possível na área de Humanidade e de Letras, pois a posição axiológica do sujeito está na sua linguagem, no seu discurso, em sua pesquisa e difere da de outro. Óbvio que isso não é uma regra aplicável a todo fato, pois há pesquisadores que muito se aproximam e podem publicar em coautoria. Nas Ciências Exatas, a publicação conjunta é realidade generalizada e adequada visto que a visão de mundo, a opinião, as posições axiológicas são menos preponderantes pela primazia do método, da experimentação e do próprio objeto de estudo, e sobretudo, pelo uso de uma linguagem mais técnica. Nas Ciências Exatas, há artigos cuja autoria resulta de centenas de pesquisadores.

8 Fundamentação teórica, desenvolvimento e resultados

A escolha da fundamentação teórica é um posicionamento axiológico do pesquisador. Não é neutra, e nesse sentido, não elucida o objeto de forma holística. Os conceitos, o sistema teórico e a terminologia não pretendem definir por completo o objeto. Não há como delimitar de modo preciso, objetivo e com total acurácia os conceitos anteriormente e depois aplicá-los no *corpus* na esperança de dominá-lo na íntegra.

O desenvolvimento é o grande encontro entre o pesquisador, a base teórica, os dados, o *corpus* e a construção de uma análise, mas não se pode ter a pretensão de ser “a” análise, mas “uma” interpretação, fundamentada, argumentada, sincera, responsável, mas não completa, fechada, que ilumine uma única verdade sobre o objeto. Quanto aos resultados, não são totalmente objetivos e conclusivos, mas parciais e sujeitos à alteração. Precisam ser checados na esfera pública, sendo publicados. Podem ser considerados errados ou certos, dependendo da banca e dos pareceristas que o apreciam. Podem nunca ser aceitos se os avaliadores possuírem outra posição ideológica diversa. Por exemplo, uma pesquisa, que interprete a realidade a partir de um prisma marxista



que aposta na historicidade dos fatos e alteração dos mesmos, dificilmente será aceita por uma banca de viés estruturalista que destaca o invariável, repetível e universal. O critério de verificação da pesquisa não pode ser o errado apartado do falso. Já nas Ciências Exatas, ocorre de modo diverso, pois os resultados, se corretos, devem assegurar a reprodutibilidade e a generalização, inclusive gerando protocolos universais. Nas Ciências Humanas, o saber gerado não é universalmente válido, neutro e repetível, sendo difícil se atingir um consenso sobre os resultados. O conhecimento carrega juízos de valor e não só de fatos. Bakhtin (1997) pondera: “O observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado” (p. 355). Obviamente que para boa parte das pesquisas nas Ciências Exatas, os resultados, se contextualizados nas mesmas condições e com os mesmos métodos, devem ser reprodutíveis por outras investigações, assegurando-se a sua universalidade e aplicabilidade.

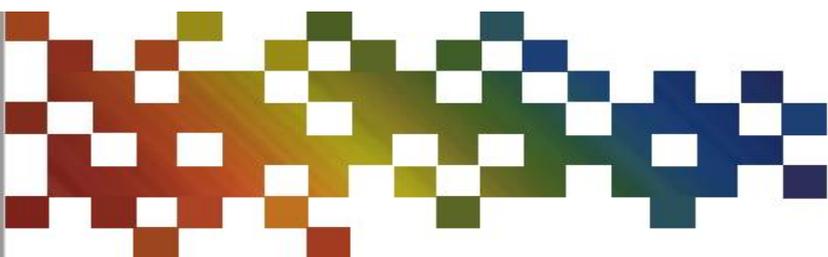
9 Referências

São as obras, os autores, os documentos com os quais o pesquisador dialoga. A voz do investigador emergirá em debate com sua referência, não em submissão a ela. A pesquisa é realizada pelo pesquisador “de braços dados” com a sua referência, em constante dialogia. Podem-se trazer referências menos clássicas, menos acadêmicas, como o saber popular, da ideologia do cotidiano, das oitivas, das máximas e dos provérbios.

A ADD deve saber lidar com fontes não tradicionais de referência ainda não cristalizadas pelas ideologias oficiais. O manejo dessas bases indica um fortalecimento de referências menos tradicionais, questionando o poder do canônico. As obras do Círculo se vinculam à tradição marxista mediante vários pressupostos: ênfase na materialidade do signo verbal que “reflete” as coisas e também as refrata; destaque para a linguagem articulada à vida e à luta de classes; consideração sobre as condições históricas que determinam a linguagem, sendo responsáveis pela instabilidade da significação; aposta na perspectiva interindividual do sujeito, dado no coletivo. Nesse contexto concreto da existência, emerge a importância da ideologia do cotidiano.

Voloshinov (1986) trata dessa esfera ideológica que se consubstancia na vida material dos homens. As ideologias cristalizadas mantêm uma relação orgânica com essa esfera ideológica. Mais uma vez, a vinculação ao Materialismo Histórico se faz presente, pois o conhecimento, nesse viés, parte do concreto das relações sociais para o pensado, ou seja, do vivido para o abstrato, e os teóricos russos, ao advogarem que a linguagem está na vida e na ideologia do cotidiano, também reforçam essa tradição. Desse modo, para a pesquisa dialógica, as vozes e os saberes, ainda não cristalizados por instâncias acadêmicas, são também fundamentos importantes.

Nos escritos de Bakhtin, a expressão “ideologia do cotidiano” não ocorre, mas a visão de mundo materialista a traz, embora não a denomine dessa maneira. Por exemplo, o plurilinguismo do romance advém, em boa parte, do embate de vozes



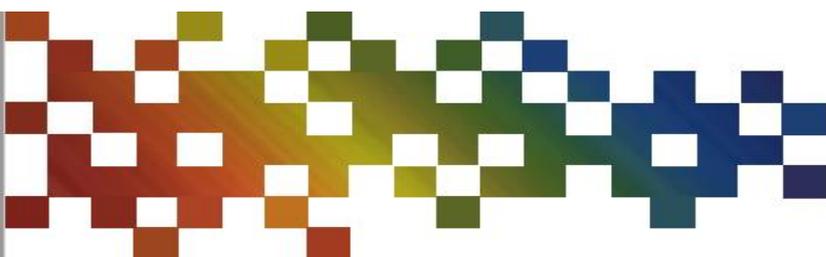
concretas do cotidiano, formalizando-se no romance enquanto elemento composicional e arquitetônico. Nas palavras de Bakhtin (1997): “Apenas o grande polifonista que foi Dostoiévski soube captar na confusão das lutas de opiniões e de ideologias (das diversas épocas) a natureza inacabada do diálogo” (p. 393). Bakhtin é filósofo materialista da linguagem e percebe, nas disputas cotidianas, as forças centrífugas e centrípetas exercidas sobre o discurso, também reforçando o concreto das relações sociais. A obra de Rabelais é outro exemplo, pois agrega a cultura e as falas populares da feira, do empírico, do trabalho, da cultura cotidiana ainda não cristalizadas pela cultura formalizada. Bakhtin não é teórico da literatura, mas toma o texto literário como exemplo de formalização das tensões discursivas⁴ presentes no dia-a-dia. Daí decorre que a ideologia do cotidiano, resultado das vozes dos homens concretos em suas lutas cotidianas, é valorizada, embora não apareça sob essa terminologia. Essas vozes podem ser importantes fontes de referência nas pesquisas.

10 Publicação da pesquisa e função social

A pesquisa deve ser publicada em vários espaços: ambientes acadêmicos; a sala de aula; seminários; congressos; periódicos e outros. A checagem pública da pesquisa é essencial, pois os leitores “descobrirão a pesquisa” e a interpretarão de formas diversas, sendo também seus “autores”. A autoria é sempre dupla, pois aquele que lê também confere significado ao que lê e se torna também autor. A pesquisa engavetada não tem vida, pois somente quando circula, transforma-se em algo vivo, atuante, sendo comentada, referenciada ou refutada.

As obras do Círculo se endereçam à situação histórica imediata, dada no contexto stalinista. Chamam a atenção para a multiplicidade de vozes sociais abafadas pelo monologismo ali reinante. Os pensadores russos não estiveram alienados em relação a sua época e souberam a ela se contrapor. Suas obras não são meros descritores da realidade, mas apontam caminhos que contribuem para criticar e enfraquecer o regime autoritário ali instalado. A linguagem percebida como local privilegiado de luta e resistência pode ser um caminho para a emancipação do sujeito que passa a questionar as amarras monológicas. Nesse sentido, espera-se que uma investigação cujos pressupostos se aproximem do mirante descortinado pela ADD, não seja meramente especulativa ou descritiva, mas vise mormente a contribuir para o fortalecimento de condições de vida em que a pluralidade de vozes, ideias, atitudes sejam possíveis. Nesse passo, a pesquisa não será neutra, mas sim explicitará sua função social, ou seja, de transformar a realidade para melhor e, sobretudo, defendendo os menos favorecidos, como prega a tradição marxista na qual se inserem as obras do Círculo. Mencionamos anteriormente a XI tese de Marx e Engels, reivindicando a alteração da realidade.

⁴ Fanini (2013) trata da perspectiva ética e estética de Bakhtin quando o filósofo se debruça sobre o estudo do romance. Este não é mais um gênero, entre muitos, mas o romance recria as condições de produção das enunciações sociais, concretas e reais em que os sujeitos históricos, tanto em sociedades democráticas quanto autoritárias, empreendem entre si, lutando por espaços de convivência, sociabilidade e poder.



Bakhtin (1997) constrói, boa parte de sua obra, focalizando a cultura popular, a vida do humilde e do pequeno, demonstrando um viés não elitista e essa tomada de posição é, com certeza, política: “O culto da fraqueza, a criança, a mulher fraca, o imbecil e o idiota, a florzinha, tudo quanto é pequeno, e assim por diante” (p. 381). E, tratando do discurso literário, majoritariamente lido pelas classes mais elitizadas, enfatiza suas raízes populares:

A imensa ação exercida pela cultura (principalmente a das camadas profundas, populares) e que determina a obra de um escritor ficou inexplorada, muitas vezes, totalmente insuspeita. Semelhante procedimento barra o acesso à profundidade das grandes obras. A literatura adquire ares de algo insignificante e frívolo.” (BAKHTIN, 1997, p.363)

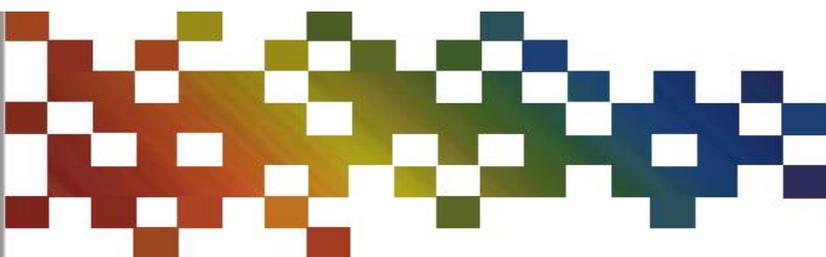
As obras do Círculo se aclaram, criticando posições autoritárias, elitistas, da cultura e história oficiais e do predomínio das forças centrípetas da estabilização do *status quo*. Em suas obras ganham força a cultura popular e extraoficial, o universo do riso, da feira, do saber cotidiano de homens e mulheres, do não canônico, da pluralidade de vozes e das forças centrífugas como formas de resistência. Uma pesquisa em ADD precisa se inserir nesse âmbito, explicitando sua função social e tomada de posição política.

11 Considerações finais

Trouxemos algumas contribuições resultantes da aplicação da ADD para a pesquisa acadêmica. Para aclarar essa reflexão, procuramos entender o diálogo em contraponto do Círculo com a epistemologia moderna, vinculada ao racionalismo e empirismo. No intuito de entender melhor a ADD, mobilizamos a tradição marxista à qual o Círculo também se insere. Percebemos que o Círculo advoga a ontologia da linguagem, diversamente de tal tradição em que majoritariamente se destaca a ontologia do trabalho. O sujeito-pesquisador constrói a pesquisa a partir de uma linguagem que não é um código técnico, neutro, transparente e referencial em relação às coisas. O investigador, seu contexto, sua posição axiológica e a sua resposta a outros pesquisadores determinam a pesquisa, afastando-a de uma perspectiva neutra e objetiva requerida em outros âmbitos do contexto científico. A ADD soma-se a outros paradigmas cujos caminhos são os da Etnografia, História Cultural, Materialismo Histórico e Dialético, pesquisa qualitativa e Filosofia da Linguagem, sendo importante contribuição para a pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas e Letras.

Referências

BACON, F. *Novum Organum*. Disponível: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/norganum.html>> Acesso em 18 de fev. de 2016.



BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. Os estudos literários hoje. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.359-368.

BAKHTIN, M. Apontamentos 1970-1971. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.369-398.

BAKHTIN, M. Observação da epistemologia das ciências humanas. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.399-414.

BAKHTIN, M. O autor e o herói. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.23-220.

BAKHTIN, M. O problema do texto. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.327-358.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.277-326.

DESCARTES, R. *O discurso do método*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: L&PM, 2006.

FANINI, A. M. R. O romance: uma forma ético-política na perspectiva bakhtiniana. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 6, série 1, p.21-39, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROUANET, S.P. *As razões do Iluminismo*. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.